

APRENDER E NÃO APRENDER POR QUEM NÃO APRENDE: UM ESTUDO EVOLUTIVO PSICOGENÉTICO

Eliane Giachetto Saravali¹

Mariana Artero Garcia²

Introdução

A pesquisa³ apresentada nesse artigo buscou dar voz a estudantes, crianças e adolescentes com queixas de dificuldades de aprendizagem, a respeito do aprender e do não aprender. As crenças apresentadas por eles foram analisadas e interpretadas segundo o referencial piagetiano para a construção do conhecimento social. Ao tratarmos de questões sociais sob este referencial, assumimos a ideia de que, apesar de se tratar de dados e informações compartilhados socialmente, os mesmos não se impõem aos sujeitos; mas são interpretados e reelaborados num longo trabalho de construção. Nesse processo, ao longo do desenvolvimento, os indivíduos vão elaborando suas crenças sobre diferentes conteúdos da realidade social. Tais crenças assumem um caráter específico e peculiar, indicando concepções bastante curiosas (MANO, 2013; DELVAL, 2013).

Nessa perspectiva, temos dois trabalhos que trataram de questões envolvendo a realidade escolar no nosso país (CANTELLI, 2000; SARAVALI; GUIMARÃES, 2010). Todavia, nestes estudos, não são explorados, especificamente, temas sobre aprender e não aprender.

Considerando-se os aspectos mencionados anteriormente a presente pesquisa foi delineada. Nosso principal objetivo foi investigar quais são as ideias encontradas, em crianças e adolescentes, a respeito do aprender e do não aprender. Como nossos sujeitos eram estudantes com queixas de dificuldades de aprendizagem, buscamos também dar voz a alunos que não aprendem, permitindo assim avaliar como eles lidam e interpretam aspectos relacionados à aprendizagem e a não aprendizagem.

Aspectos metodológicos

A pesquisa constitui-se num estudo evolutivo transversal baseado no método clínico-crítico piagetiano (PIAGET, 1967). Participaram 40 escolares entre 06 e 16 anos de escolas públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo, indicados por seus professores como alunos com dificuldades de aprendizagem, distribuídos da seguinte forma: 10 sujeitos de 06 anos, 10 de 09 anos, 10 de 12 anos e 10 de 16 anos.

Os sujeitos foram submetidos, individualmente, a dois instrumentos metodológicos diferentes: a realização de um desenho e a apresentação de um curta-metragem.

¹ Doutora em Educação; Unesp; Marília, São Paulo. *E-mail:* eliane.saravali@marilia.unesp.br.

² Pedagoga; Unesp; Marília, São Paulo. *E-mail:* mariana.artero@yahoo.com.br.

³ Analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Financiada pelo CNPq.

Em função dos limites desse artigo, trataremos apenas do primeiro instrumento que consistiu numa variação da Técnica Projetiva “Par Educativo”, proposta por Visca (1984). Os participantes eram convidados a criarem um desenho numa folha de sulfite, dividida em três partes. Na primeira parte, deveriam desenhar uma pessoa que ensina, na segunda, uma pessoa que aprende e na terceira uma pessoa que não aprende. Em seguida, o sujeito era solicitado a explicar o que havia feito, a atribuir um título ao desenho, bem como um nome e idade aos personagens criados. Algumas perguntas eram feitas: Quando essa pessoa ensina todo mundo aprende?; Por que essa pessoa não aprende? Qual é a diferença entre a pessoa que aprende e a que não aprende?

As explicações foram gravadas e transcritas na íntegra. Em seguida, foram analisadas, interpretadas e agrupadas conforme categorias que expressavam as concepções mais gerais que os sujeitos tinham sobre o tema. Vejamos as categorias encontradas.

Resultados

Categoria 1 – Aspectos relacionados à indisciplina e à falta de atenção na escola

Nesta categoria, foram inseridos os desenhos dos sujeitos que relacionaram as questões da não aprendizagem a aspectos ligados à indisciplina e falta de atenção, tais como, bagunçar, brigar, conversar fora de hora, não prestar atenção no que a outra pessoa está explicando. O que mais pode ser observado nas respostas é que os sujeitos sempre culpam o próprio aluno por não conseguir aprender. É o caso de:



Uma pessoa que ensina Uma pessoa que aprende Uma pessoa que não aprende

Figura 1: Desenho de LUA (12;2): Diálogo estabelecido [...] Por que essa pessoa aprende? *Ah porque presta atenção.* E quem presta atenção aprende? *Aprende.* Por que? *Porque quem aprende tem que prestar atenção no professor.* Se não prestar atenção a gente aprende? *Não, porque é importante prestar atenção na matéria.* Quando o professor ensina todo mundo aprende? *Sim.* Por que? *Porque prestando atenção sempre aprende.* E o que você pensou quando desenhou essa pessoa que não aprende? *Que fica fazendo bagunça na sala e atrapalhando as pessoas que estão fazendo.* E por que não aprende? *Porque só bagunça, não escreve nada, e falta sempre na aula. [...]*

Categoria 2 - Aspectos relacionados a fatores que envolvem esforço e motivação

Nessa categoria, foram incluídos os desenhos dos sujeitos que relacionaram tanto a aprendizagem quanto a não aprendizagem a fatores que envolvem motivação, esforço, interesse, tais como, aprender porque é esforçado e motivado a ter um futuro melhor, entrar em uma boa faculdade dentre outros; não aprender, pois não há interesse, é desmotivado ou simplesmente por não querer aprender. A seguir, um exemplo:

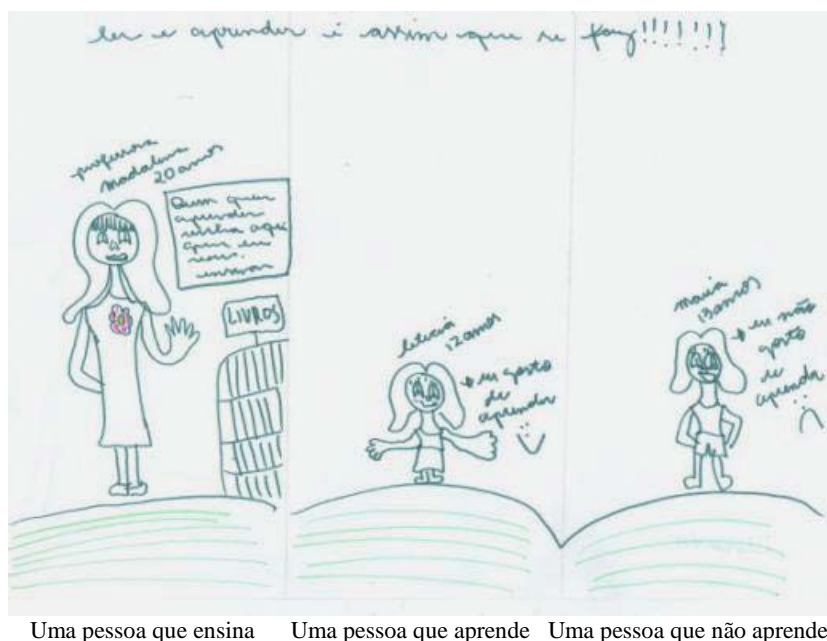


Figura 2: Desenho de LEO (16;4). Diálogo estabelecido: [...] Quando o professor ensina todo mundo aprende? Não. Por que? *Porque não se esforça.* E o que você pensou quando desenhou essa pessoa que não aprende? *Que ela não se esforça.* E por que não aprende? *Porque não se esforça.* E quem não se esforça não aprende? Não. Por que? *Porque não quer saber de ir na escola e aulas chatas [...]* Qual é a diferença entre a pessoa que aprende e a pessoa que não aprende? *A pessoa esperta aprende e a pessoa que não se esforça não aprende.*

Categoria 3 – Causas relacionadas a problemas orgânicos

Dentro dessa categoria, foram incluídos os desenhos dos sujeitos que relacionaram a não aprendizagem a problemas orgânicos, como por exemplo, uma pessoa que tem algum tipo de deficiência, problemas na cabeça ou alguma dificuldade para aprender:

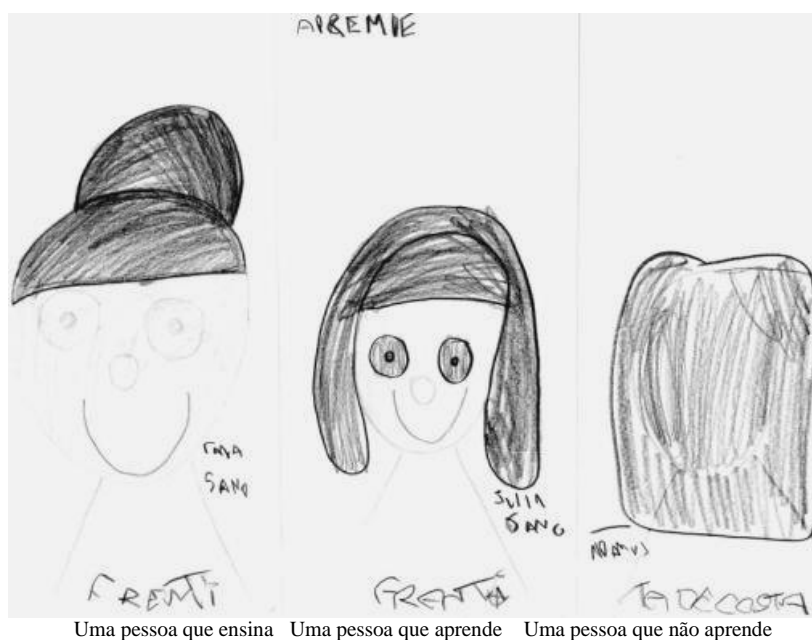


Figura 3: Desenho de JOA (6;2). [...] E o que você pensou quando desenhou essa pessoa que não aprende? *Minha vó falou que tem um menino vizinho dela que tem problema na cabeça e demora muito pra aprender e que eu tenho que aprender mais rápido que ele. E por que ele não aprende rápido? Porque ele fica na cadeira de rodas e não aprende muito e eu já vi ele sem ir na escola [...]* Qual é a diferença entre a pessoa que aprende e a pessoa que não aprende? *Quem aprende não tem problema e quem não aprende tem problema e demora mais pra entender a escola.*

Discussões e Considerações Finais

Em 100% dos nossos sujeitos, observamos um padrão de respostas que se mantém. Assim, há sempre a indicação do aluno como culpado pela não aprendizagem; demonstrando uma dificuldade em considerar o processo e os elementos envolvidos na situação de maneira mais ampliada. Nenhum sujeito, por exemplo, discute a ideia a partir da perspectiva de um mau ensino, isto é, não aparecem cenas ou relatos de pessoas que não aprendem e que tenham tido problemas com um professor, com a escola etc. Todos os sujeitos, de uma forma ou outra, mencionam o professor como sendo aquele que ensina. Este, por sua vez, sempre cumpre seu papel.

Quando Delval (2002) explica em que consiste uma compreensão menos elaborada do mundo social, ele nos mostra que as crenças dos sujeitos se baseiam sempre nos aspectos mais visíveis das situações em questão, desconsiderando processos ocultos e subjacentes, tão comuns em questões sociais. Há dificuldades em coordenar perspectivas diferentes bem como em considerar a existência de conflitos. As explicações desse nível “baseiam-se nas aparências, no que é mais visível, no que se percebe diretamente. Os fenômenos sociais apóiam-se em imagens pouco conectadas entre si e bastante estereotipadas” (DELVAL, 2002, p.224). Há, portanto, uma compreensão parcial da realidade.

Em nossos protocolos, encontram-se referências ao não gostar de estudar, não querer, não se dedicar, ser indisciplinado (fazer bagunça, conversar, não prestar atenção), não estudar

direito etc. A ideia é tão simples para esses sujeitos, que se trata de pensar num aluno que “sabe” ou “não sabe” aprender. A responsabilização do aluno indica também a interpretação de que o professor sempre cumpre seu papel corretamente, o que é bem característico desse nível.

As crenças sobre a não aprendizagem podem influenciar como os sujeitos avaliam a si próprios em relação à mesma questão. Portanto, quando um indivíduo responsabiliza o próprio aluno por uma aprendizagem que não ocorre, tende a pensar o mesmo sobre si mesmo quando está na mesma situação. Em diferentes momentos de nossa análise, foi possível notar como alguns sujeitos se identificam com a questão da não aprendizagem abordada nas entrevistas. É preciso considerar as implicações decorrentes desse dado. Quando uma criança não aprende não tenderia ao mesmo tipo de raciocínio? Ou seja: de alguma forma não se culparia? Quais as consequências para a formação do seu autoconceito e qual a relação que estabelecem com a aprendizagem de uma maneira geral?

Assim como no trabalho para construção de diferentes noções sociais, é preciso haver um espaço para que o aluno fale sobre a escola, sobre o professor, sobre a aula, auxiliando na compreensão e coordenação de diferentes processos. É somente a partir da análise de diferentes situações, com a troca de pontos de vistas diversos e perspectivas diferentes que os indivíduos podem avançar na interpretação do mundo social. Além disso, compreender melhor uma situação de não aprendizagem pode auxiliar o próprio sujeito na resolução de um quadro desfavorável que o afete.

Referências

CANTELI, V. C. B. **Um estudo psicogenético sobre as representações de escola em crianças e adolescentes.** Dissertação (Mestrado em Educação). 2000. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2000.

DELVAL, J. **El descubrimiento del mundo econômico por niños y adolescentes.** Madrid: Ediciones Morata, 2013.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento da criança.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANO, A. M. P. **Ideias de estudantes sobre a origem da Terra e da vida e suas relações com o desenvolvimento cognitivo: um estudo psicogenético.** 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2013.

PIAGET, J. **O raciocínio na criança.** Tradução: Valerie Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.

SARAVALI, E. G. ; GUIMARAES, T. Ambientes Educativos e Conhecimento Social: um estudo sobre as representações de escola. **Educação em Revista** (UFMG). v. 26, nº1, 2010 p. 157-184, abril 2010.

VISCA, J. **Técnicas proyectivas psicopedagógicas**. 3. Ed. Buenos Aires: Edición del autor, 1984.